

ANA PAVLOVA

Ana Matveievna Pavlova, a célebre bailarina russa, nasceu a 31 de janeiro de 1885. Considerada como a encarnação suprema do *ballet* clássico, sua arte maravilhosa, de concepção acadêmica mas moderna e estilizada em sua realização, mostrou-se exuberante de beleza em todas as suas apresentações.

Criadora do *ballet* contemporâneo, juntamente com *Diaghilef* (Sergei, 1872 – 1929), Ana Pavlova foi, em sua época, uma grande bailarina, tanto por seu classicismo como por seu caráter, tendo despertado os mais exaltados elogios da crítica. Em poucos anos, adquiriu grande reputação, especialmente depois de seu desempenho em *Giselle*; sua graça impressionante, aliada à leveza etérea dos movimentos, inspirou uma nova escola – a escola romântica da dança, em contraposição ao virtuosismo clássico até então imperante. Com *A Morte do Cisne*, bailado que a imortalizou e cuja inspiração foi originada sob a impressão da agonia e morte de uma dessas aves, que ela criava em seus jardins, impusera-se fortemente o novo conceito coreográfico do romantismo. De arranjo muito simples, esse bailado não permitia a veleidade de demonstrações técnicas, destinando-se antes a interpretar a atmosfera musical e transmitir a sensação trágica da morte da criatura.

Em 1905, tornou-se aluna de *Cecchetti* (Enrico, 1850-1928), de cujos ensinamentos aprendeu a harmonia total da expressão estética e a tradição italiana da graça plena de leveza.

Os sucesos de Pavlova chamaram a atenção do autoritário *Diaghilef* e entusiasmaram *Fokine*, no momento em que brilhavam no firmamento da arte coreográfica *Vaslav Nijinski* e *Ida Rubinstein*. Atraída por *Diaghilef*, Ana dançou em Paris. Mas o grande mestre do *ballet* jamais conseguiu impor seus pontos de vista pessoais a Pavlova. Com sua própria concepção de Arte, ela nunca permitiu que lhe ditassem normas contrárias a seu estilo, ou a fizessem dançar peças cujas músicas a desagradassem. Assim, recusou-se a apresentar o *Pássaro de Fogo*, especialmente criada para ela: “Não bailarei aos acordes de tão horrível música”.

“Deve-se dançar com a cabeça e não com os pés”: bailava com graça natural, o que tornava seus recitais mais expressões de encanto e de beleza, do que exibições técnicas; seus passos pareciam um fenômeno da natureza, como a ondulação da vaga ou o farfalhar das folhas. Essa mulher excepcional era capaz de encarnar uma flor: no bailado *Libélula*, era tão nervosamente viva que podia evocar a agitação febril desses pequenos insetos e os campos floridos dos dias de verão. Possuidora de dotes naturais, incomuns, aprimorou-se através de um esforço continuado e

consciente, em uma ânsia incontida de *perfeição*. Dedicou toda a sua vida ao culto da *Arte*. Faleceu em Leningrado (antiga São Petersburgo) em 1931.